



ESTÁGIO SUPERVISIONADO: PRIMEIROS PASSOS PARA A DOCÊNCIA

Brenda Larissa Moreira Dias – brendalarissamd@gmail.com

Marco Antônio Rosa Machado – machadorvd@yahoo.com

RESUMO: O Estágio supervisionado é uma das exigências necessárias na formação docente, pois, é através dele que vemos qual é nossa competência e capacidade como professores, além de nos mostrar se essa é nossa verdadeira vocação. Sendo assim, este artigo resulta das reflexões sobre as experiências vivenciadas na disciplina de Estágio Supervisionado, no curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás, abordando questões que foram evidenciadas durante toda a experiência de regência e semirregência na escola campo e de orientações em sala de aula. Com o intuito de trazer à tona todos os desafios que alunos e professores são submetidos diariamente e como são as abordadas as metodologias que nos foram dadas na universidade.

Palavras-chave: estágio, vivência, orientação.

Introdução

Como sabemos, é de suma importância que acadêmicos tanto de licenciatura quanto de bacharelado tenham acesso a um conhecimento prévio e experiências sobre a área que almeja, como Scalabrin e Molinari (2013) dizem, o estágio é um processo de formação utilizado pelas universidades para aproximar o acadêmico da realidade de sua área de formação, com o intuito de ajudá-lo a compreender diversos acontecimentos e teorias que conduzem e propiciam uma boa execução de sua profissão. Dessa forma, a UEG proporciona oportunidades de inserção na vida docente já no segundo período do curso, onde os alunos fazem a observação de outros professores e tem contato com a estrutura e funcionamento da escola.

A fase de observação é de grande consideração nos estágios seguintes, pois, foi através dela que consegui encontrar a escola ideal para realizar meus trabalhos, assim, no início do terceiro período, somos orientados a procurar uma escola o quanto antes, para que possamos ter facilidade e tempo em encontrar e sermos bem recebidos. A partir disso, a universidade e a escola iniciam um trabalho em áreas diferentes, mas com intuítos similares fazendo então, um trabalho de complementação, já que em uma vemos a teoria a ser aplicada na outra, e assim por diante.



Buscaremos, então, discutir como isso contribui na formação docente e como foi executada verdadeiramente, expondo as dificuldades vivenciadas e as grandes lições que serão levadas por toda a vida, a fim de ser entendido (estágio) como um processo contínuo e amplo, que englobará todos os contextos com o qual o professor interage. Esse trabalho nos faz compreender que é no início de nossa carreira docente que enxergamos a verdadeira realidade do cotidiano dessa profissão, pois, só conseguiremos agir independentemente em uma instituição quando compreendermos o que é e como ser professor.

Referencial Teórico

O local de estágio é o lugar onde ampliamos nosso conhecimento, pois é onde conhecemos o que é a escola, conhecemos seu contexto e realidade, gerando dúvidas, indagações a respeito ser como professor, reflexões do “eu” no espaço escolar, o que oferece ao licenciando um conhecimento real da situação de trabalho. Como afirma Borges (2009, apud STAHL e SANTOS p, 10)

[...] a formação no meio escolar deve aproximar o futuro professor das exigências diárias da profissão, ou seja, deve ser um momento de análise reflexiva em que o estagiário irá tomar consciência do desenvolvimento de suas competências e da evolução destas, identificando suas facilidades e dificuldades bem como, criando estratégias para superá-las.

Percebemos que a participação da universidade durante o processo de execução do estágio é de grande importância, as reflexões que são feitas juntamente com professores e colegas nos permitem ter uma conscientização sobre o ato de lecionar e se posicionar enquanto professor, além do fato de contribuir a partir de teorias, com o desenvolvimento de novas técnicas e métodos de ensino. Pimenta (2002) nos coloca que, o período do estágio não pode ser definido como período em que se trabalha a prática separado da parte teórica, já que o estágio curricular é uma atividade teórica de conhecimento aliada e fundamentada no diálogo com intervenções na realidade, visto que a prática está contextualizada nas aulas e baseada em teorias estudadas.

Há, no entanto, um fato que deve ser considerado durante a carreira docente, que seria a grande necessidade de investimentos na formação de professores que o país necessita, pois como é bastante evidente, o interesse pela docência está atraindo cada vez menos pessoas para os cursos, o que influencia em peso neste caso é a situação da educação no Brasil, ou seja, a falta de incentivos está crescendo significativamente e existe uma grande desvalorização da



profissão nas diversas áreas sociais, essa é uma questão de grande importância nos cursos de licenciatura, pois, alunos desistem da disciplina por não conseguirem aguentar o peso que a profissão carrega consigo. O que nos instiga a pensar que, além dos desafios que são vividos diariamente por falta de materiais didáticos nas escolas e até mesmo crises com pais e responsáveis de alunos, ainda se enfrenta uma desvalorização por parte do governo, ao se negar a investir significativamente na educação.

Por isso, o estágio é visto como uma pesquisa que possibilita se ampliar os conhecimentos sobre a formação inicial/acadêmica dos professores no Brasil, por que ao vivencia-la e analisa-la teoricamente, estamos possibilitando a formação de professores críticos-reflexivos da educação e da profissão, sendo de grande importância para a construção da identidade profissional do futuro docente.

Resultados

Num primeiro momento procurou-se escolas que se disponibilizassem a receber acadêmicos para exercer as atividades exigidas, pois, como foi visto em relatos de colegas, algumas escolas se negavam a receber pessoas de fora, talvez por medo de verem como ela está sendo gerida ou simplesmente, receio em deixar alguém “sem experiências” participar de sua instituição. Pensando em tais empecilhos, procurei a escola que trabalhei no ano anterior durante a fase de “observação”, pois havia sido muito bem recebida e todo o corpo docente se disponibilizou a contribuir no que fosse necessário.

Durante meus primeiros dias no Colégio Estadual José Ludovico de Almeida, procurei me familiarizar com o ambiente e conhecer um pouco sobre cada turma do ensino fundamental que a escola possuía, para que eu pudesse acompanhar uma aula em cada serie e descobrir com qual me identificaria e que também se encaixaria nos projetos que tinha em mente. Antes de tomar qualquer decisão, conversei com colegas em sala de aula a respeito das dificuldades que poderia encontrar e o que esperar dos alunos. Logo após esse momento e de alguns dias assistindo aulas e observando várias séries, a turma escolhida foi o 7º ano “B”, uma turma com poucos alunos que eram bastante agitados. Uma coisa que pôde ser percebido é que, cada um possuía uma inteligência extraordinária, mas também um grande desinteresse pelas aulas, professores e coordenadores a todo momento afirmavam que eram alunos “problemáticos”, com sérios problemas familiares, mas que possuíam grande potencial.



Durante a semirregência, ficava responsável por auxiliar durante as aulas e corrigir provas e atividades, nesse período não havia uma autonomia em minhas ações em sala de aula, então quando eu ficava responsável pelos alunos por alguns momentos as coisas saíam um pouco do controle, mesmo tendo sido colocada como professora e não somente como estagiária, foi então que comecei a trabalhar um pouco o tom de voz, o modo de comportar e treinar ter sempre uma postura firme diante das situações, só assim as coisas melhoraram. Em relação ao meu percurso na escola, fui colocada para realizar os mais diversos tipos de atividades como, ligações para pais, serviços de secretaria e até mesmo na coordenação, em momentos que eu e minhas colegas estávamos sem afazeres sempre nos empurravam para algum lugar, até mesmo para substituir professores de outras matérias.

Eu sendo nova na escola e no papel de professora, ficava bastante apreensiva nessas situações, pois era tudo novo, e ser jogada para várias salas não foi fácil, ainda havia bastante nervosismo e menos “pulso firme” como profissional. Apesar de todo o suporte que a universidade oferecia, sentia-me sem controle da situação e começando a considerar uma possível desistência, mas com o passar do tempo as coisas foram tomando forma e a convivência com o corpo estudantil foi ficando mais fácil, me tornei amiga de alunos e professores e também aprendi a lidar com as situações que o dia a dia escolar nos expõe, por exemplo, há um aluno na escola que possui problemas graves de saúde e uma péssima estrutura familiar, e nesses momentos a escola se posiciona como se fosse um familiar do aluno, e as vezes tendo que tomar sérias medidas.

A partir da regência as coisas se complicam novamente, na universidade estávamos sempre sendo orientados a ser *diferentes* dos demais, a tornar as aulas mais dinâmicas, interativas e multidisciplinares, que aliás, seria o ideal, mas eu sentia muita dificuldade nisso, os alunos estavam acostumados com o comodismo da professora, tentei diversas vezes executar atividades que abordassem assuntos de forma mais suave, mas infelizmente os alunos não faziam por desinteresse ou então não conseguiam fazer, estavam acostumados com o método “livro-caderno/caderno-livro”, foi aí que comecei a planejar aulas pensando nos alunos e também no que foi ensinado pela universidade, utilizava livros que os agradavam, conteúdos do dia a dia, coisas que os estimulassem a querer aprender e se desenvolver, pois como podemos ver nos PCNs, quando se trabalha em algo respeitando as diversidades de seu país e a sociedade, faz com que se crie um conhecimento mais pluralizado, onde se cria



cidadaos críticos e conhecedores das características fundamentais do Brasil e mundo (1998, p. 7).

Chegando no fim da fase de regência, os alunos começaram a pedir para que eu ficasse na escola, principalmente nas aulas de inglês, segundo eles, as aulas da professora nunca eram legais (principalmente Inglês) e que não tinham vontade de aprender, vale ressaltar que quem ministrava as aulas de Inglês era um professora de outra matéria e que por isso ela n tinha muito animo para ensina, logo após minha saída, o colégio mudou de professora duas vezes, fazendo com que os alunos ficassem prejudicados. Por fim o que pude concluir é que, a escola é sim muito receptiva e acolhedora, mas possui falhas como qualquer outra em nosso país, por exemplo, fui caracterizada várias vezes como “a estagiaria” e não como professora, dispõe-se de vários recursos didáticos que são pouco utilizados, possui professores desinteressados e assim por diante, o que alegam os dias são realmente os alunos e a capacidade que cada um possui e que infelizmente são pouco aproveitadas.

Considerações finais

Chegamos na universidade com uma ideia pré-formulada do que é ser professor, achando que as dificuldades serão fáceis de superar e que a única coisa necessária a se fazer é entrar em sala e ensinar. O que não sabemos é que, cada aluno que encontraremos durante nosso percurso possuirá uma realidade diferente, que as escolas por muitas das vezes não possuirão uma boa estrutura, que nem todos terão acesso a livros didáticos ou literários e assim por diante. Mas com o passar do tempo percebemos a realidade, através do estágio se descobre a verdadeira docência, por isso, apesar de todas as dificuldades vividas nessa trajetória, é gratificante descobrir o que é ou não ensinar.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa.** (3º e 4º ciclos do ensino fundamental). Brasília: MEC, 1998.

BORGES, C. Os saberes docentes e a prática de ensino: a escola como lócus central da formação inicial. In ENS, Romilda Teodora (org.). **Trabalho do professor e saberes docentes.** Curitiba: Champagnat, 2009.



LIMA, M. S. L.; PIMENTA, S. G. Estágio: Diferentes concepções. In: _____. **Estágio e docência**. 7º ed. São Paulo: Cortez, 2002. P. 33-57.

SCALABRIN, I. C; MOLINARI, A. M. C. **A importância da prática do estágio supervisionado nas licenciaturas**. Revista Unar, vol, 17, n. 1, 2003. Disponível em: http://revistaunar.com.br/cientifica/documentos/vol7_n1_2013/3_a_importancia_da_pratica_e_stagio.pdf. Acesso em: 01 nov 2016

STAHL, L. R; SANTOS, C. F dos. **O estágio nos cursos de licenciatura: reflexões sobre as práticas docentes**. In: ANPED SUL 2012. Caxias do Sul. Disponível em: <http://www.uces.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/1351/462>
Acesso em: 02 nov 2016

